

O GRANDE ESTADO RUSSO É UMA IDÉIA-ARMADILHA

Dmítri Furman

Tradução do russo: Noé Silva

RESUMO

O nacionalismo russo na sua complexa relação com a ideologia oficial, dos tempos da monarquia à perestroika, constitui o tema deste artigo. A par das transformações sofridas pelo movimento nacionalista, o autor aponta o uso idêntico que dele fizeram os czares e dirigentes como Stálin, Khrushóv e Brêjnev, na luta contra a influência ideológica do Ocidente; e discute o papel minador do Estado que o nacionalismo, após ser "desarmado" pelo internacionalismo blochevique — responsável pela integridade territorial do império extinto com a Revolução de Outubro —, passa a desempenhar mais intensamente com a burocratização do regime soviético. Analisa, por fim, a correlação de força do nacionalismo russo com o movimento democrático no processo de desintegração da União Soviética.

SUMMARY

This article analyzes the complex relationship between Russian nationalism and the official Ideologies, from monarchy to perestroika. Aside from the transformations faced by the movement, the author points out how both czars and rulers such as Stálin, Kruschev and Brejnev used the nationalist movement in their struggles against Western ideological influences. He also discusses how nationalism, after being "disarmed" by Bolshevik internationalism — which was responsible for the preservation of territorial integrity after the October Revolution — came to play an increasing role in undermining the State, as the Soviet regime became more bureaucratic. Finally, the article analyzes the correlation of power between Russian nationalism and the democratic movement in the process of disintegration of the Soviet Union.

Na época contemporânea da segunda desintegração do grande Estado euro-asiático, outrora chamado de Império Russo e depois URSS, como na época da primeira (de fevereiro de 1917 até o fim da guerra civil, em 1920), afloram muitos movimentos nacionais (ou nacionalistas — a diferença, aqui, é muito subjetiva). Para além disso, de acordo com as particularidades da cultura do povo, da sua memória histórica e da sua situação entre os outros povos, tais movimentos adquirem diferentes matizes ideológicos e políticos. É evidente que, para estonianos e letões, a auto-afirmação e a independência das suas nações não representam a mesma coisa que para os povos muçulmanos da Ásia central; os primeiros possuem cultura predominantemente luterana, uma memória histórica concentrada num único período de independência da sua história (o período

Este texto foi publicado na revista russa *Svobodnaya Mysl* (*Pensamento Livre*) n° 1, 1992.

da república "burguesa", entre as duas grandes guerras) e uma situação demográfica complicada, devida à falta de crescimento vegetativo da população autóctone e à presença de grande quantidade de migrantes russos e de "fala russa" no seu território; já os segundos apresentam o passado independente dos canados medievais, um alto índice de natalidade, e não correm o perigo de serem engolfados pela corrente migratória.

Porém, com todo o larguíssimo diapasão dos matizes ideológicos e políticos dos vários movimentos nacionais e nacionalistas, existentes no território da antiga URSS, um nacionalismo é tão específico, que pode colocar-se numa classe especial e contrapor-se a todos os outros. É o nacionalismo russo, cuja singularidade está relacionada com a singularidade da situação do povo russo no Estado. As metamorfoses do nacionalismo russo, as suas transformações paradoxais, as extravagantes simbioses em que entra com outras correntes de idéias, e o seu papel histórico específico, relacionado não com o fortalecimento, mas com o enfraquecimento da nação e do Estado russos, não encontram análogos no nacionalismo dos demais povos da URSS e apresentam apenas vaga semelhança com o de outros povos do mundo.

Tentemos analisar essa lógica específica e paradoxal do nacionalismo russo, cujo caráter "autodestrutivo" se revelou com especial força nos últimos anos.



O grande império russo, como formação poderosa e estável, surgida na Idade Média, foi um império "não totalmente nacional" até o advento das idéias de nação e de Estado nacional.

Apesar da predominância dos russos, tanto na população como nas classes dirigentes, a base ideológica do império e a fonte da sua legitimação não se encontravam no fato de que aquele era o Estado do povo russo, mas em que aquele era o império da dinastia dos Romanov. A nata da classe dirigente imperial do século XVIII e até do XIX era cosmopolita e caracterizava-se pela sua diversidade quanto à nacionalidade. Apenas na época de Nicolau I, quando as idéias gradualmente introduzidas do Ocidente começaram a minar, em certa medida, as velhas noções de legitimidade, a monarquia pôs-se a usar a idéia de uma natureza nacional, grão-russa do Estado (a fórmula de Uvárov^a, de "ortodoxia, monarquia e espírito nacional") como fonte adicional da justificação do seu direito ao poder.

Gradualmente, o nacionalismo russo vai tomando a forma de corrente política e ideológica, que protesta contra o caráter eurocosmopolita da cultura do escol, contra o caráter "não totalmente nacional" do Estado e a falta, nele, de uma política consciente e firme de proteção da nação russa e da sua cultura. A monarquia empregou o potencial "xenófobo" do nacionalismo na luta contra o seu principal inimigo ideológico (as ideologias

(a) Serguei Semiónovitch Uvárov (1786-1855): conde, presidente da Academia de Ciências da Rússia e ministro da Educação Pública, foi um dos pilares da reação no reinado de Nicolau I (N.doT.).

progressistas e igualitaristas, provenientes do Ocidente) e, depois, contra o separatismo da periferia; além disso, a monarquia, à medida que se destruíam os seus sustentáculos ideológicos velhos e medievais, explorava cada vez mais intensamente o nacionalismo (Nicolau II já levava a insígnia da União do Povo Russo no peito).

No entanto, as relações entre a monarquia e o nacionalismo russo estiveram longe de ser "pacíficas". Apesar de toda a sua xenofobia e repúdio ao parlamentarismo ocidental, o nacionalismo era fruto de um novo tempo, da democratização da vida social, e a própria lógica do nacionalismo e da idéia de um Estado nacional russo contradizia as bases medievais e dinásticas da monarquia russa. Até quando afirmava o caráter especificamente russo do poder monárquico, o nacionalismo fazia certas exigências a este (em "essência", este era russo, mas também devia corresponder à sua "essência", tomar consciência dessa "essência") e limitava-o potencialmente.

Além disso, se os movimentos nacionais dos povos ainda não possuidores de Estado unificado e poderoso visavam à formação de um (como, por exemplo, uma Itália grande e una ou uma Alemanha grande e una), os russos já possuíam tal Estado (ainda que "não suficientemente" russo, para os nacionalistas). Por isso, a tentativa de dar-lhe concepção e base novas, nacionais, encerrava o perigo da destruição da sua legitimação tradicional e dele próprio enquanto formação una e constituída.

A lógica autodestrutiva do nacionalismo russo, de grande potência mundial, pronunciou-se antes das revoluções do século XX. O apoio no caráter nacional do império russo e a política russificante do poder, na segunda metade do século XIX, provocaram uma reação em cadeia dos movimentos nacionais da periferia, pois os georgianos, os alemães do Volga, os tártaros e outros povos podiam ser súditos leais do império dos Romanov, mas não de um império nacional russo. A idéia de um Estado nacional russo suscitou em outras nacionalidades do império a idéia do seu próprio Estado independente. Desse modo, o império minava-se dos dois lados: pelo nacionalismo dos povos subjugados da periferia e pelo nacionalismo do povo "básico". O próprio nacionalismo russo, tomando cada vez mais formas doentias e agressivas, à medida do aumento das forças centrífugas do império, era uma das manifestações das forças destruidoras e dos males que arruinaram o outrora poderoso organismo do grande Estado euro-asiático. De algum modo, o poder central sentia isso; a par de usar o nacionalismo, continha os seus ímpetos e limitava-os.

Nos anos 1917-8, o império russo ruiu, desintegrando-se em grande número de estados que declararam independência, quase iguais, em número, aos povos do país. A Rússia teve destino análogo ao de outros impérios medievais, que se desintegraram aproximadamente à mesma época, como o austro-húngaro e o otomano. Mas, à diferença deles, ela restabelece a sua integridade territorial muito depressa, embora sob nova forma.

Por que isso foi possível? Em grande parte porque a revolução russa assesta um golpe demolidor na ideologia nacionalista russa de grande potência.

Se, por algum milagre ou capricho do Destino, a guerra civil, travada na Rússia, houvesse sido vencida pelos brancos, o grande Estado euro-asiático quase automaticamente haveria deixado de existir. É que os brancos enfrentaram não apenas os bolcheviques e as massas bolchevizadas. Eles também enfrentaram a resistência de todos os movimentos nacionais. Inclusive se lograssem restabelecer parcialmente o império, ainda assim, depois de pouquíssimo tempo, ver-se-iam às voltas com sublevações dos povos da periferia. A ideologia medieval e "legítima" do império já desaparecera por aquela época, enquanto a ideologia imperial nacionalista, no século XX, poderia levar apenas a um espasmo sangrento do tipo hitlerista, não à formação ou à reconstituição de um Estado multinacional com capacidade de sobreviver. O paradoxo do nacionalismo russo consistia precisamente em que a sua vitória significaria a ruína certa daquela Grande Rússia que ele desejava ressuscitar, ao passo que a sua derrota e o repúdio dos vencedores à idéia nacionalista conduziriam ao restabelecimento do império euro-asiático, da Grande Rússia, sob nova forma.

O império russo, como qualquer outro, era não apenas uma "prisão" de povos, como também a sua grande "habitação coletiva", que gerou forças significativas de "entrelaçamento", de "atração", isto é, o hábito da vida conjunta e o sentimento da comunhão cultural e da comunhão de destinos. As forças centrífugas do nacionalismo minavam tal comunhão, e o império só escapou ao destino do austro-húngaro com ajuda do internacionalismo ardente e radical dos bolcheviques, que "desarmou" ideologicamente os movimentos nacionalistas e usou o poder dessas "forças de atração". Os exércitos bolcheviques percorreram a Ucrânia, a Armênia, a Geórgia, não como conquistadores russos ou restauradores do império, mas como exércitos do futuro "império milenar" comunista, no qual não haveria "nem helenos nem judeus". Um poderoso Estado multinacional foi restabelecido precisamente porque os seus reconstituintes com toda a sinceridade não visavam a ressuscitar o império e porque, até no nome, o novo Estado não mantinha nenhum laço com o antigo império. A URSS não era sequer uma união das repúblicas surgidas no território do extinto império russo. Era simplesmente uma união de repúblicas (porquanto eram soviéticas e socialistas), surgida por força de circunstâncias históricas no território do antigo império, mas de modo nenhum ligada a ele "em essência", e também o embrião de uma futura comunhão de toda a Humanidade. Tal Estado não suscitava protesto nacional, e até representantes das minorias étnicas do antigo império, distantes do credo comunista e imbuídos de espírito patriótico, viam nele apenas a garantia de igualdade de direitos e do livre desenvolvimento sociocultural dos seus povos.

Na História, várias idéias freqüentemente desempenharam papéis que contradiziam o seu conteúdo imediato e inicial. O nacionalismo russo, que aspirava à Grande Rússia, não pôde deixar de arruinar esta Grande Rússia. Isto é um paradoxo, mas até os judeus, tão odiados pelos nacionalistas russos e tão numerosos entre os bolcheviques (fato muito natural, pois a idéia de uma fraternidade futura dos povos atraía-os de modo especial) trabalharam

objetivamente para o restabelecimento do Império Russo sob nova forma. Mas por que o novo Estado, "anti-império" em tese e desígnio, de qualquer forma tornou-se um império restaurado e por que essa essência russa e imperial foi transparecendo com cada vez mais nitidez no correr dos anos?

Porque a idéia de uma revolução mundial e, de modo geral, todo o conjunto de idéias do "credo" bolchevique eram uma utopia. Não aconteceu uma revolução mundial, e os exércitos revolucionários detiveram-se nas velhas fronteiras do império. Em consequência, no novo Estado, restabeleceram-se as correlações étnicas do tempo do império: um centro russo e a sua periferia, constituída pelos outros povos e voltada para ele. É bem verdade que essa periferia, em tese, representa repúblicas investidas dos mesmos direitos da Rússia. Mas, sob o domínio de uma ideologia dogmática e de uma organização ideológica rigidamente centralizada — o partido dos bolcheviques — o federalismo só podia ser uma ficção, uma fachada. Um Estado na realidade baseado em uma ideologia dogmática podia ser apenas unitário, rigidamente centralizado e infenso a qualquer independência "local" e a quaisquer diferenças ideológicas, sem o que o livre desenvolvimento das culturas nacionais torna-se ficção. Porém o Estado unitário, governado de Moscou, com a língua russa como a oficial (no início, não por força de qualquer intento russificante, em absoluto, e simplesmente porque ela era a língua natural de comunicação entre os seus povos), com o predomínio de russos e de "falantes de russo" na administração (novamente não por força de qualquer discriminação, e sim por razões puramente objetivas), representava o Império Russo restaurado, fossem quais fossem as intenções subjetivas dos seus criadores.

Tal natureza russa e imperial do Estado nascente foi compreendida (ou "sentida") por muitos intelectuais russos de posição nacionalista. Lembremos *A guarda branca*, do escritor Mikhail Bulgákov, em que a idéia da guerra civil como "problema familiar" dos russos conjuga-se com a completa inaceitação, pelo autor, da existência de um Estado ucraniano; lembremos os romances de Aleksei Tolstói, que celebram a revolução, restauradora do poder de grande potência mundial da Rússia; lembremos o monarquista encontrado por Lev Rasgon nas prisões soviéticas e descrito por ele. Entre os especialistas militares de todo o tipo do Exército Vermelho havia, também, pessoas que serviam aos bolcheviques porque viam neles os restauradores da Rússia, e que lutavam ombro a ombro com os comissários bolcheviques; além do mais, tanto os primeiros como os segundos podiam olhar-se e pensar que estavam a usar o outro lado para atingir os seus objetivos. Na verdade, porém, a História "fazia ironia" com ambas as partes, enquanto preparava armadilhas tanto para os nacionalistas como para os internacionalistas.

O caráter russo e imperial do novo Estado foi manifestando-se, no correr dos anos, com cada vez mais nitidez. Por que tal ocorre é compreensível. O Partido Comunista transforma-se de "seita" em "igreja" do Estado e do povo, e a ideologia comunista torna-se "de todo o povo". E as centenas de milhares e milhões de "recém-convertidos", que adotaram a nova

ideologia com sinceridade mas de modo muito diferente daquele adotado pelos bolcheviques antes da revolução, por causa do seu conformismo inconsciente, não podiam deixar de trazer o conteúdo antigo a tal ideologia; entre outras coisas, a maneira de encarar o novo Estado como a continuação do império e o povo russo como o "principal", "o irmão mais velho". Ao submeter as massas e tornar-se o monopólio dominante, qualquer ideologia, de algum modo, sempre se torna refém das massas e da consciência destas. A fina camada da cúpula, constituída pelos revolucionários internacionalistas, ardentes de fogo ideológico e ocupados em disputas dogmáticas e no extermínio mútuo, gradualmente cedeu lugar, na administração, a representantes de outro tipo social e psicológico — os burocratas conformistas, os quais aspiravam não à revolução mundial, mas sim à estabilização do Estado e à consolidação da sua situação privilegiada nele. Naturalmente, no decorrer desses processos, o papel de continuidade do Império Russo passa cada vez mais para o primeiro plano.

O apogeu da vinda dessas idéias à tona foi a fase tardia do período stalinista, quando o realçamento da grandeza precisamente do povo russo se torna importante elemento da ideologia oficial; quando surgem as palavras impressionantes do nosso antigo hino — "a união indestrutível de repúblicas livres foi consolidada pela Grande Rússia para sempre"; quando o Exército Vermelho e, depois, Soviético, de composição multinacional, começa a ser entendido não tanto como herdeiro do exército revolucionário do período da guerra civil, mas como herdeiro do exército de Kutúzov^b, de Dmítri Donskói^c e de Aleksandr Nevski^d. Nesse período, ressurgem muitos elementos da simbologia czarista, das dragonas douradas e a palavra *Verkhóvny* (supremo) ao ressurgimento da Academia de Artes, assim como o restabelecimento do patriarcado da igreja ortodoxa e do seu caráter de verdadeiramente protegida oficial.

Porém, embora o processo de restabelecimento da consciência imperial russa houvesse avançado muito no período stalinista do pós-guerra, nem mesmo Stálin pôde conduzi-lo ao seu termo lógico. Stálin encontrava-se subordinado às leis gerais do desenvolvimento mundial, as quais limitavam as tendências imperiais tanto objetivamente, já que um império "declarado" enfrentaria dificuldades impensáveis, como subjetivamente, uma vez que, evidentemente, na consciência do próprio Stálin, o nacionalismo e a xenofobia imperial não podiam tomar uma forma "acabada". Por isso o Estado stalinista continuava uma formação muito estranha, contraditória e eclética. Tal contradição manifestava-se literalmente em todos os seus aspectos.

Na simbologia ideológica, na qual os símbolos imperiais e nacionalistas nunca puderam sobrepor-se definitivamente à base ideológica internacionalista e marxista-leninista, Stálin é encarado como herdeiro de Ivan o Terrível^e, de Piotr I^f, os czares preferidos na época. Mas, antes de qualquer outra coisa, claro, ele é "um grande marxista, companheiro de luta de Lenin e o seu herdeiro". No nosso hino, a "Grande Rússia" unia os povos do império "para sempre" mas, não obstante, consolidava uma união de "repúblicas livres".

(b) Mikhail Ilariónovitch Kutúzov (1745-1813): príncipe e general russo que se distinguiu na guerra contra os austríacos e franceses (1805), os turcos (1806-12) e os franceses (1812) (N. do T.).

(c) Dmítri Donskói (1350-89): grão-príncipe de Moscou e de Vladimir, filho de Ivan II; comandou a luta armada do povo russo contra os mongóis e os tártaros. Na batalha de Kulikovo (1380) no alto rio Don, mostrou grande talento militar, pelo que foi chamado de Donskói (do Don) (N. do T.).

(d) Aleksandr Nevski (1220-63): príncipe de Novgórod e de Vladimir. Com as vitórias sobre os suecos (1240) e os cavaleiros alemães (1242) garantiu as fronteiras ocidentais da Rússia (N. do T.).

(e) Ivan o Terrível: grão-príncipe de "Toda a Rússia e o primeiro czar russo (a partir de 1549). Sob seu reinado foram submetidos os canados de Kazan e de Astrakan; travou-se a guerra da Livônia (1558-83) contra Suécia, Polônia e Lituânia, por uma saída para o mar Báltico; e teve início, em 1581, a anexação da Sibéria (N. do T.).

(f) Piotr I [Pedro, o Grande] (1672-1725): czar russo a partir de 1689. Promoveu grandes reformas políticas e administrativas, além de uma política de comércio com os países do Ocidente; comandou a construção de uma frota e a criação de um exército regular. É o fundador de São Petersburgo (N. do T.).

Na política nacional, a russificação consciente conjuga-se com medidas igualmente conscientes de elevação das diferentes culturas nacionais. Diminui o número de escolas nacionais, aumenta o número de horas de estudo da língua russa nelas por conta dos idiomas nacionais, mas, simultaneamente, abrem-se universidades e academias, onde se formam os quadros da intelectualidade nacional. Realiza-se um trabalho colossal de estudo das línguas, do folclore e outras coisas mais dos diversos povos do país.

Na política externa, a ideologia imperial e o internacionalismo encontram-se lado a lado e interagem da maneira mais estranha. Além disso, a ideologia imperial não apenas leva ao expansionismo, como também o refreia, pois, restabelecendo minimamente as conquistas imperiais da velha Rússia (inclusive Porto Artur, interesses especiais na Manchúria e o ressurgimento de palavras de ordem sobre o Bósforo e os Dardanelos), Stálin ao mesmo tempo teme transpor as fronteiras da antiga Rússia e romper as proporções étnicas do Estado, coisa que não temeriam fazer nos anos 20.

Na estrutura governamental, tal contradição manifesta-se na "assimetria" da situação da Rússia na URSS. A Rússia é a única república que não possui a sua capital, partido (e, conseqüentemente, Comitê Central), Academia de Ciências, Artes etc., porque se subentende que a capital do país, o CC do PCUS etc. "no fundo" são russos, e o surgimento de análogos russianos ao lado deles significaria a destruição da identificação tácita da Rússia com a URSS, na qual baseia-se o Estado.

Desse modo, o Estado stalinista era uma formação do "tipo de Jano", uma das faces do qual era "russo-imperial", e a outra, "marxista-internacionalista". Para pessoas diferentes, em situações diferentes, em primeiro plano podia estar esta ou aquela face. Para um simples camponês russo, possuidor das idéias mais vagas sobre o marxismo, o Estado stalinista, certamente, era o Estado russo, antes de qualquer outra coisa; porém, para uma pessoa realmente fiel à ideologia comunista, a URSS continuava a ser o primeiro território, reconquistado pela força das armas ao capitalismo mundial, e o primeiro fenômeno terrestre do futuro reino comunista milenar e mundial. Precisamente a combinação dessas "duas faces de Jano", duas fontes de legitimação e de lealdade, é que permitiu a Stálin a criação do maior império da História mundial, o qual se estenderia não de Brest a Vladivostok, mas de Berlim a Hanói e do Elba ao Mekong, se nele incluíssemos os estados vassalos da periferia (comandados por Moscou, em grande medida, e na realidade dotados de independência muito menor do que a dos protetorados britânicos ou a dos estados dos EUA). Sem essa segunda face de Jano, a "internacionalista", tal império seria impossível como Estado simplesmente russo.



A contradição aguda e extrema da ideologia stalinista, evidentemente, seria impensável sem o terrorismo stalinista e sem aquele estado psíquico particular em que se encontrava o país, após passar pelos incríveis cataclismos da sua história pós-revolucionária e, depois, pela Grande Guerra Patriótica, estado que não permitia que se visse contradição no fato de o novo Ivan o Terrível, ser, simultaneamente, um clássico do marxismo. Porém, o terror stalinista findou com a morte de Stálin, pois a própria camada dirigente se debilitara com ele e empenhava-se por estabilizar-se e garantir a sua posição.

O fim do terrorismo stalinista e a "denúncia do culto à personalidade" significaram a "aparação das arestas" do extravagante ecletismo stalinista. Khruchóv e Brêjnev não tinham pretensões ao papel de novos Ivãs os Terríveis, e, igualmente, ao de "clássicos do marxismo". Apesar disso, porém, não desapareceram a dualidade, a feição de Jano e o "esquema" formado sob Stálin. Embora Khruchóv e Brêjnev não pretendessem o papel de novos clássicos, eles, por outro lado, eram leninistas fiéis, e o nosso partido, o destacamento soviético do movimento comunista internacional, destacamento que edificava o comunismo (embora com indolência cada vez maior). Simultaneamente, a URSS era a Grande Rússia, e, embora se houvessem suavizado os extremos do nacionalismo stalinista, a russificação continua; conserva-se a situação especial da RFSSR (República Federativa Socialista Soviética Russa); para o resto do mundo, à medida da desintegração do movimento comunista internacional, nós éramos russos ainda mais do que à época de Stálin.

A erosão gradual do credo marxista e a lenta decomposição do Estado introduzem novos elementos na correlação entre a ideologia oficial e o nacionalismo russo. À época de Stálin, não podia haver nenhuma diferença de pensamento nem quaisquer correntes ideológicas especiais ou sequer nuances. Na simbiose do marxismo oficial e do nacionalismo russo, não se permitia sequer pensar em quaisquer contradições entre eles. Agora, o nacionalismo começa a assumir a forma de corrente ideológica relativamente independente, com os seus órgãos de imprensa (as revistas *Jovem Guarda*, *Nosso Contemporâneo* e *Moscou*) e os seus guias espirituais. As relações entre eles lembram cada vez mais as relações "ambíguas" e complexas que existiram entre a ideologia oficial e o nacionalismo no século passado.

Assim como no século passado, o principal perigo para o regime provinha do "liberalismo" ocidental, e à medida do declínio do marxismo oficial, o qual se tornava cada vez mais formal, o regime naturalmente usa o nacionalismo cada vez mais na luta contra a influência do Ocidente. O anti-semitismo, que recuara sob Khruchóv, na época de Brêjnev novamente se torna uma das armas mais importantes no nosso arsenal ideológico, sob a forma de "anti-sionismo".

Os nacionalistas são aliados. Apenas a eles permitem-se não só "digressões do marxismo", como também franco antimarxismo. Também têm permissão de pôr nas alturas filósofos idealistas russos de antes da Revolução; em 1968, na *Jovem Guarda*, saiu a primeira referência positiva a

K. Leóntiev^g e a V. Rozánov^h. Pouco tempo depois da liquidação do caráter oposicionista da revista *Mundo Novo* [*Nóvy Mir*], o nacionalista *Nosso Contemporâneo* tornou-se a única revista que mantinha a sua linha ideológica inicial.

Mas, ainda assim, tal apoio não era completo. Os círculos dirigentes mantinham certa "simetria", e a cada golpe assestado nos *Západniki* [partidários do Ocidente; de *Západ*— Ocidente] liberais, corresponde outro nos "não eslavófilos", embora mais suave.

O caso é que o nacionalismo, o qual se torna cada vez mais independente e audaz, novamente é perigoso para o Estado, como antes da Revolução, só que agora, evidentemente, em grau maior; e os círculos dirigentes têm consciência disso. O nacionalismo aceita o Estado de Brêjnev e defende-o, porquanto este é uma "transfiguração", porquanto, no fundo, ele é o Império Russo sob nova forma. Porém, o caso é que ele não pode ser império, na medida em que ele não se transfigurou "até ao fim" e em que a base profunda da sua legitimação ainda era a Revolução de Outubro e a ideologia marxista-leninista. Destruindo tal base, o nacionalismo, involuntariamente, também destrói o próprio império. Naquela época, os seus ataques ao "espírito dos anos 20" e à "preponderância judaica" não podiam deixar de solapar o significado da Revolução de Outubro, o principal acontecimento "sagrado" que dera início ao Estado. A sua tendência a apoiar-se no pensamento religioso e filosófico russo mina o marxismo e conduz objetivamente àquela mesma "pluralização" que o regime tanto teme e a cuja penetração pelo Ocidente ele resiste com tanta obstinação. Por fim, na sua própria defesa do Estado como Estado russo, ele "trai" o segredo da identificação da URSS com a Rússia, de que não se podia falar, já que essa própria identificação se mantém apenas enquanto é oculta, encoberta. Tal qual no século passado, o nacionalismo russo leva ao crescimento do nacionalismo nos domínios não russos do império (as repúblicas da União). Tal qual no século passado, ele constitui um dos sintomas e uma das fontes de doença, força minadora do mesmo Estado que ele deseja defender e cuja destruição, para ele, representa a perspectiva mais inadmissível. A lógica suicida do nacionalismo russo, porém, revela-se, em toda a sua medida, apenas no período da perestroika.



O início da revolução da perestroika está ligado à vitória da tendência liberal e ocidentalista nos círculos governantes. É natural que, em tal situação, as forças reacionárias antiperestroika recorram ao nacionalismo russo com especial intensidade. O cerco ao "fundamentalismo" marxista e ao nacionalismo russo torna-se tão mais apertado, que ambos se vêem na situação de quem recua e se defende (como disse A. Prokhánov, "o Partido Comunista Russo e o movimento patriótico nacional precisam um do

(g) Konstantin Nikoláievitch Leóntiev (1831-91): escritor e crítico literário russo; eslavófilo. Considerando como principal inimigo o liberalismo burguês — com o seu amesquinhamento dos costumes e culto da prosperidade geral —, pregava o "bizantismo" (clericalismo, monarquismo, hierarquia de classe e assim por diante) e a união da Rússia com os países do Oriente como meio de prevenir comoções revolucionárias (N. do T.).

(h) Vassili Vassílievitch Rozánov (1856-1919): escritor e filósofo russo. Nos seus trabalhos, o ânimo religioso existencial conjugava-se com a crítica do ascetismo cristão, com a apoteose da família e do sexo, em cujo elemento ele elegia a base primeira da vida (N. do T.).

outro"). Tal situação manifesta-se de mil formas extravagantes: nos diversos folhetins patrióticos, em textos nos quais é possível defender o Partido Comunista Russo e, ao mesmo tempo, chamar Lenin de "vampiro sanguínário"; na adoração de B. Guidaspov ao monarquista ortodoxo Nevzôrov, e na deste aos comunistas lituanos e aos de aquém do rio Dniestr etc.

Para além disso, contrabalançando o separatismo das repúblicas, o qual se manifesta cada vez mais decidida e abertamente e recebeu o apoio do movimento democrático, o bloco dos "fundamentalistas" comunistas e dos nacionalistas começa a apresentar cada vez mais reclamações da Rússia. Eles retratam a Rússia como país que não explora outras repúblicas, como afirmam os separatistas, mas, sim, que é explorado por elas. Eis, por exemplo, o que escreve S. Kuniáiev: "Dos 190 bilhões de rublos anuais de lucro produzidos pela Rússia, ela fica com pouco mais da metade; com isso, cada família russa de três membros perde 1500 rublos por ano; o restante vai para manter a burocracia nacional e ajudar as outras repúblicas do país".

A "assimetria" das instituições da RFSSR e da URSS começa a ser mostrada como sinal da situação de prejuízo e de desigualdade em direitos da Rússia. Apresentam-se idéias de criação de uma Academia Russa de Ciências, de uma Academia Russa de Artes e, o que é mais importante, de um Partido Comunista Russo e de um Comitê Central Russo ("O PCR favorecerá o renascimento da cultura e da espiritualidade russas" — escreve V. Kozlenkov. "É chegada a hora de o povo russo recobrar o ânimo, endireitar os ombros.>"). O centro tenta debilmente contrariar tais idéias, mas contrariá-las é difícil, pois a lógica e a justiça formais estão do seu lado. Opor-se realmente a elas significa dizer que a Rússia não necessita ter a sua academia e o seu partido, uma vez que a academia e o partido da União, antes de mais nada, são russos. No entanto, o centro não pode de modo algum afirmá-lo nesses termos, pois tal significaria dar razão aos separatistas.

Porém, os nacionalistas russos vão ainda mais longe. No II Congresso dos Deputados do Povo da URSS, o escritor Valentin Raspútin profere a famosa frase sobre que, em face da "russofobia" e do separatismo das repúblicas, a própria Rússia pode separar-se da União. Essa é uma conclusão perfeitamente lógica das lamentações dos nacionalistas a respeito da situação injusta da Rússia e dos russos. Na verdade, porém, o orador, subentende-se, não deseja isso. Essa é uma conclusão lógica, mas também "demagogia" e "lapso", aquilo que "escapou" a uma pessoa transtornada e extenuada pelas contradições da sua própria posição e pela impossibilidade de formular clara e inteiramente os seus pensamentos e idéias. Essa foi a "frase-armadilha", pela qual o nacionalismo russo deixou-se "apanhar na palavra".

Sem dúvida, visando à manutenção da União, na qual viam a continuação do império, do grande Estado russo, os "direitistas", não obstante, prepararam toda a argumentação necessária ao desmoronamento daquela e, na prática, privaram-se da possibilidade de resistir a tal derrocada. Aos que desejavam acabar com a União, era necessário apenas apoderar-se das palavras de ordem e dos argumentos dos "direitistas" e levar a sua lógica até o fim e até a ações práticas.

A argumentação dos nacionalistas de direita foi imediatamente apoiada pelos separatistas lituanos, estonianos e de outras repúblicas, que começaram também a afirmar que a União oprimia, antes de mais nada, a Rússia e que os russos deviam deixar as repúblicas do Báltico e ajudar o repovoamento da "Netchernoziômie"ⁱ. Mas o mais importante, e o que, no fim das contas, decidiu o destino da União, foi que tal argumentação, e a própria idéia da "separação da Rússia", foi abraçada precisamente por aqueles que encaravam os nacionalistas como seus principais inimigos: os democratas russos.

(i) Em oposição (*Ne* = Não) a Tchernozômie, região de terra negra, fértil e humosa (*tcher-noziôm*), localizada no Sul da Rússia (N. do T.).

O movimento democrático, no início da sua existência, não possuía especificamente uma "orientação anti-União". Para os integrantes do movimento, a União era, antes de mais nada, aquela Pátria que eles desejavam tornar um país democrático e de regime parlamentar. Os planos de reorganização da União, subentende-se, incluíam grande autonomia das repúblicas e o direito destas à separação, mas pressupunham os direitos não das repúblicas e sim dos povos, e principalmente dos povos pequenos. O campo dos democratas recebeu com unânime simpatia o movimento pela emancipação de Nagórno-Karabakh, destinado a mudar as fronteiras do Azerbaijão e da Armênia, o que supunha não a "soberanização" das repúblicas da União e a desintegração desta, mas a manutenção das suas estruturas, que adquiriam um conteúdo novo mas eram fortes. No entanto, a situação muda gradualmente e, paralelamente, também os acentos ideológicos do movimento.

O primeiro êxito do movimento foi a eleição dos Deputados do Povo da URSS. O grupo inter-regional de deputados, saído dela, constituía a minoria, naturalmente, mas o transcorrer da eleição mostrara as possibilidades colossais do movimento. A medida que se tornava claro que não haveria nenhum retrocesso e que as pessoas perdiam o medo, o campo dos democratas tornava-se cada vez mais poderoso. Enquanto isso, abria-se a perspectiva da eleição futura de deputados das repúblicas, inclusive na RFSSR, que devia obedecer a um procedimento significativamente mais democrático do que o das eleições para o Congresso da União. O caráter democrático das eleições e alguns fatores, como o tempo e o maior adiantamento do processo democrático, deviam assegurar grande êxito aos democratas.

Os "direitistas" vão para as eleições com palavras de ordem de fortalecimento da soberania da Rússia e pintam os democratas como força antinacional, que tudo fará para enfraquecer a Rússia e até dividi-la.

V. Khmel, deputada da União, disse:

Estou convicta de que eles tentarão obter os votos dos deputados nacionais, do mesmo modo como o fez o grupo regional no primeiro, segundo e terceiro congressos dos Deputados do Povo da URSS, para a qualquer preço alcançarem os seus objetivos políticos, não se detendo ante a insuflação de ânimos nacionalistas e separatistas.

A palavra de ordem sobre a soberania da Rússia é uma espécie de moto natural dos "direitistas". E apenas a alguns deles, quando já era tarde para mudar o que quer que fosse, ocorre que tal soberania pode vir a ser a soberania de um país de cujo governo eles estejam completamente de fora (E. Volodin disse: "Agora, quando a distribuição de forças já está suficientemente definida, não creio que seja correto falar da soberania russa num único sentido, pois temo que possam utilizá-la para objetivos cisionistas".) Enquanto isso, os democratas, sentindo que as eleições fortaleceriam muito as suas posições, não eram nem um pouco contrários à palavra de ordem sobre a soberania.

Em resultado disso, no Congresso dos Deputados do Povo da RFSSR, no qual o peso específico dos "democratas", como era de se esperar, era maior do que no Congresso da União, e no qual eles haviam conseguido levar o seu líder ao posto de presidente do Conselho Supremo, a palavra de ordem sobre a soberania da Rússia tornou-se geral. No desejo de soberania e em todo o conjunto de argumentos (a Rússia é privada de direitos concedidos às outras repúblicas, é explorada etc.), encontram-se unidos Iéltsin, Polozkov e Vlássov. Os democratas apoderaram-se da palavra de ordem sobre a soberania, enquanto os direitos não conseguiram superar a própria inércia e caíram numa armadilha.

A vitória, na Rússia, significava que a oposição dos "democratas" aos conservadores e aos moderados assumira a forma de oposição da Rússia e do centro. Os democratas viram-se diante de um dilema: ou, guiando-se pela Constituição da União e em nome da conservação desta, esperar as eleições seguintes de Deputados do Povo da URSS, para então chegar ao poder real; ou tomar tal poder por um meio "revolucionário", desenterrando-o das estruturas da União e entrando na "guerra das leis", destruidora da União. Uma vez que era evidente que os democratas teriam como aliados as poderosíssimas forças tanto do separatismo das outras repúblicas como do nacionalismo russo, o qual continuava por inércia o coro de queixas sobre a situação de desigualdade em direitos da Rússia, o segundo caminho era mais curto e mais cômodo. Agora, a palavra "Rússia" não sai da boca dos democratas, e os direitos puderam ver e ouvir, com horror e espanto, como pessoas que até "por definição" deviam estar distantes do nacionalismo russo, como Iliá Zaslávski, usavam a linguagem deles, conclamando os deputados da União a se lembrarem de quem é a terra em que eles realizam as suas sessões (é dos russos). A idéia da "soberania da Rússia" passou a ter a mesma força mágica que tinha a idéia de "democracia". Isto constitui um valor evidente por si próprio, e negá-lo é categoricamente impossível. E, embora fosse indubitável que a imensa maioria dos russos era pela conservação do Estado soviético (inclusive aqueles, que, seguindo os democratas, haviam votado "contra" no referendo nacional, com isso apenas expressavam protesto contra a política do centro), a consciência das massas, ao mesmo tempo, é inteiramente incapaz de opor-se à palavra de ordem da independência da Rússia (por exemplo, o plebiscito de setembro de 1990 mostrou que apenas 23% dos participantes votaram a favor — 52,5% contra — do direito dos órgãos da União a revogar resoluções da Rússia) e com o

"sim" à União, a maioria dos russos também diz "sim" tanto à instituição da presidência russa, destruidora da União, como também, em seguida, ao candidato a presidente, o antigo porta-voz principal da idéia da soberania russa. Tampouco os direitistas podem fazer alguma coisa, pois todos os seus argumentos e todas as suas palavras de ordem foram-lhes tomados, e também porque um patriota russo, "por definição", não pode ser contra a soberania russa. A destruição das estruturas da União, isto é, daquele mesmo Estado que eles desejavam conservar e fortalecer, realiza-se sob as suas palavras de ordem. E prossegue inexoravelmente, pois, se o centro estivesse às voltas apenas com o separatismo das repúblicas, ele ainda conseguiria "aguentar-se", mas opor-se às repúblicas e à Rússia está acima das suas possibilidades. Como acontece com muita frequência, a tentativa de deter a desagregação (o golpe de Estado de agosto) leva a uma intensificação e ao término de fato desse processo. Depois de agosto, a URSS, como o grande Estado de predomínio do povo russo, deixou de existir.

A nossa história e os últimos acontecimentos do nosso país testemunham que a idéia de um grande Estado russo constitui uma "ratoeira" ideológica, em que caiu a consciência nacional. Antes da revolução de 1917, ela representou uma das forças minadoras desse mesmo grande Estado russo, o qual foi restabelecido apenas porque os bolcheviques a recusaram categoricamente. Hoje, em 1991, a sua lógica "suicida" foi levada praticamente ao extremo. Já não existe o império, e a RFSSR, pelo jeito, está fadada a ocupar um lugar longe dos países mais importantes e mais poderosos do mundo contemporâneo. Os nacionalistas caíram na armadilha, construída pelas mãos deles próprios. Mas dificilmente esse é o fim das "aventuras" da idéia de um grande Estado russo. Hoje, há cada vez mais razões para supor que a idéia, a qual se tornou uma armadilha para os "direitistas", também venha a sê-lo para as forças democráticas que chegaram ao poder.

A palavra de ordem de luta contra a União pela independência russa era muito vantajosa para os democratas, e, na realidade, esse foi o fator que os levou ao poder. Mas tal palavra de ordem não se identifica, em absoluto, com a da democracia, assim como a luta pela destruição das estruturas da União, a que os democratas russos se devotaram nos anos 1990 e 1991, também não se identifica com a luta pela democracia. A colocação de tal palavra de ordem em primeiro plano é um dos aspectos do processo geral de transformação natural do movimento democrático no seu caminho até o poder. Inicialmente, um movimento de intelectuais de tendência idealista, ele rapidamente torna-se de massa, enchendo as suas fileiras com pessoas dotadas de uma idéia bastante superficial de democracia ou atraídas para ele por outros motivos bem diferentes (irritação contra a antiga ideologia e o antigo regime, absolutamente não identificada com anseio pela democracia; esperança de aproveitar os frutos abundantes das reformas de mercado; anseio de melhorar de posição e arrebatado algo para si, no meio da demolição geral). O movimento, gradualmente, incorpora sentimentos nacionalistas.

A sua direção também evolui. Os seus "amadores" vão para segundo plano, cedendo lugar aos profissionais, ou eles próprios tornando-se

profissionais. E é natural que o profissional e o amador tenham maneiras muito diferentes entre si de encarar a política. O profissional, que não possui uma esfera principal de atividade, para onde possa ir, e cujo *status* é determinado inteiramente pelo seu papel político e pela vitória do seu movimento, não pode permitir-se firmeza de princípios e idealismo "demasiados". Ele passa mais pela prova de conquistar a simpatia de todo o povo com palavras de ordem populistas, e pode logo tornar-se refém dos ânimos nacionalistas, que se apoderam das massas nos períodos de grande turbacão, em um Estado em desintegração.

Por isso, a ideologia e a política do movimento, o qual se tornava de massa e era dirigido por um escol cada vez mais "profissional", naturalmente adquire novos traços. Tal evolução pode ser caracterizada com máxima clareza por duas pessoas, que encarnavam o movimento (um, no início, e o outro, em etapa posterior da evolução): o acadêmico Andrei Sákharov e Boris Iéltsin, que não se "dera bem" no Politburo e que se tornara democrata. A apresentação de idéias-"meio" (como a da soberania russa) e a substituição gradual das idéias-"fim" (como a da democracia) por elas, no transcorrer da luta pelo poder, constitui um aspecto ideológico natural desse processo geral.

Quando os democratas russos se privaram tanto do contrapeso, representado pelas estruturas da União, como da oposição, representada pelo PCUS, após o golpe de Estado de agosto, essa evolução, novamente de modo natural, caminhou a passos de gigante (como a evolução dos bolcheviques, após a sua chegada ao poder), ao tornar-se força quase inteiramente dominante na sociedade. Isso manifesta-se das mais diversas formas.

O abandono da simbologia comunista e marxista acompanha-se cada vez mais pela adoção da simbologia ortodoxo-monárquica, até ao alardeado oferecimento do título de grão-príncipe a Iéltsin. (É interessante notar que aqui, como que continua e se encerra, voluntária ou involuntariamente, o trabalho iniciado por Stálin.) Ao chegarem ao poder sob as palavras de ordem do parlamentarismo e do poder dos soviets, os novos líderes começaram a restringir o poder dos órgãos representativos, sob o pretexto da necessidade de medidas temporárias, ditadas pela inoperância daqueles e por condições extraordinárias (tais restrições sempre surgem como "medidas temporárias"). A época em que se dizia às regiões autônomas: "Peguem tanta independência quanto puderem garantir", foi rapidamente relegada ao passado, e hoje a palavra de ordem do novo poder tornou-se: "A Rússia é una e indivisível". Ademais, essa Rússia "una e indivisível" começa a comportar-se como a superpotência da antiga União, pretendendo ser quase a única herdeira desta e assustando os vizinhos com o apoio aos movimentos das minorais nacionais russas, com a criação de um exército próprio e uma revisão de fronteiras. A perspectiva de que, tal como ocorreu na nossa primeira revolução e, em geral, em quase todas as revoluções, a democracia na nossa revolução da perestroika se torne um intervalo entre dois autoritarismos — o do "antigo regime" e o novo, revolucionário — mostra-se cada vez mais nítida. Para além disso, as forças russo-imperiais

brotarão com ímpeto cada vez maior, pois já não se contêm pelo caráter multinacional do Estado nem pelo internacionalismo marxista oficial.

No afã de chegar ao poder o quanto antes, os democratas "tomaram" a idéia da soberania russa aos "direitistas". O uso dela foi, sem dúvida, uma manobra tática. Mas as idéias possuem força e lógica independentes; são "brinquedos perigosos". E o jogo com a idéia da "Grande Rússia" foi de particular perigo para a nascente democracia russa. Pois a União constituía não apenas fonte de opressão nacional, como também um Estado, que permitia que mais de cem povos vivessem juntos e, pela sua própria essência, impedia os extremos do nacionalismo. As "estruturas da União" não apenas representavam o esteio do autoritarismo, como também criavam o "segundo poder", de que a democracia precisava tanto e que impedia o surgimento de regimes de orientação fascista em algumas repúblicas.

O processo de democratização gradual da União como um todo; de estabelecimento, nela, de novas relações entre os povos; e de aquisição de cada vez mais independência pelas repúblicas apenas na medida em que elas se tornassem Estados realmente democráticos e em que se afastasse o perigo de que, independentes, elas adotassem regimes ditatoriais, oprimissem as suas minorias nacionais e lutassem entre si pela revisão das fronteiras, seria, evidentemente, mais longo para a chegada dos democratas ao poder. Mas esse seria um caminho mais curto para o estabelecimento de uma democracia real e sólida em todo o espaço euro-asiático e inter-relacionado. Os democratas preferiram o caminho mais fácil, que prometia chegada rápida ao poder. E parece bem que eles caíram em uma armadilha e que a Rússia soberana não apenas não será um grande país, como nela poderá não haver lugar para os democratas, pelo menos no futuro mais próximo.



As "aventuras" da idéia da soberana e Grande Rússia, subentende-se, ainda não terminaram. Ainda haverá muita coisa pela frente. Mas penso que esteja relativamente claro o dilema que temos à nossa frente e que no futuro ressurgirá sob novas formas.

Os russos viram-se objetivamente em uma situação peculiar e estranha. Eles eram o centro, a força principal em uma grande associação de povos. Mas a situação do seu Estado enquanto grande Estado e a da sua nação enquanto grande nação exigiam determinados sacrifícios, e, antes de mais nada, o do caráter estritamente nacional do Estado. A Grande Rússia podia tornar-se realmente grande, pois nela não há vantagem para os russos e ela é uma formação internacionalista, e não nacionalista. A História como que colocou o povo em uma situação na qual, pela humildade e pela generosidade desinteressada, ele é recompensado com o poderio do Estado, como o foi por essas qualidades na época da revolução, quando o único dos grandes impérios medievais foi reconstituído precisamente porque os seus restaura-

dores categoricamente não queriam isso e o povo creu neles, compenetrando-se das idéias internacionalistas. E, pelo contrário, o ressurgimento do nacionalismo, sob Stálin e Brêjnev, mais tarde usado pelos democratas, levou, no fim das contas, à destruição do Estado. Os russos encontram-se em uma situação em que o nacionalismo pune-se com uma "diminuição" da Rússia.

Mas esse ainda não é o ponto final. Se tudo continuar como está agora, então a Rússia, em disputas com os seus vizinhos, obrigada a receber fluxos de refugiados, em lutas internas com o nacionalismo e o separatismo dos tártaros, tuvinenses, tchetchenos e sabe lá Deus de mais quem, logo se transformará em um país que, na melhor das hipóteses, ocupará lugar junto aos países mais adiantados do Terceiro Mundo, em peso internacional e em índice de desenvolvimento. Mas, se (o que, digamo-lo francamente, é menos provável do que a primeira perspectiva) ela compreender que os seus interesses são absolutamente inalienáveis dos interesses dos vizinhos; que os povos das repúblicas e regiões autônomas têm tantos direitos à independência quanto os russos; que a solução pacífica dos problemas dos russos habitantes de ex-repúblicas da União exige regras comuns sobre a cidadania e uma legislação comum sobre os direitos das minorias; e que, na nossa situação específica, a generosidade econômica desinteressada pode trazer muito mais proveito do que os lucros insignificantes que as medidas do tipo das da Alfândega russa podem dar. Então, a grande comunidade euroasiática — a qual até hoje possui valor colossal e forças significativas de atração, e cuja destruição constitui imensa tragédia para milhões e milhões de pessoas e, mais do que para ninguém, para os russos — poderá ser restabelecida sob nova forma, como uma união de povos iguais em direitos e democráticos.

Porém, para que os outros povos não temam tal união, a Rússia deve tornar-se verdadeiramente democrática, renunciar completamente às suas pretensões de grande potência e aprender a falar não com a linguagem da imposição, mas de igual para igual a todos os povos. E apenas no caso de não manipular essa comunidade no desejo de ocupar a posição preponderante nela, a Rússia será verdadeiramente Grande.

Palavras-chave:

Rússia; império russo; nacionalismo; revolução bolchevique; perestroika; movimento democrático.

Keywords: Rússia; Russian empire; nationalism; Bolshevik revolution; perestroika; democratic movement.

Dmítri Furman é doutor em Ciência da História e pesquisador sênior do Centro Analítico da Academia Russa de Ciências.

Novos Estudos
CEBRAP
Nº 33, julho 1992
pp. 9-24
